

Katia Mara

Esta que eu conheci no Rio, em casa de família minha amiga, viveu o mais rápido processo de adaptação e de entrosamento numa cidade grande, de que tenho notícia. “Made in Ceará” ou, mais precisamente, no Ipu (portanto minha conterrânea), donde foi exportada diretamente para o Rio, depois de ligeiro trânsito por Fortaleza, carregava um analfabetismo atávico que parecia incurável. Mas, falando seu bom cearensês, tão depressa aprendeu a ler, na ambição de conquista do novo mundo, que surpreendeu a professora da escola noturna com a velocidade do seu progresso. Quando lhe perguntam, agora, porque deixou o sertão e se não tem saudade da vida tranqüila da cidade do interior, responde com profunda superioridade, quase em tom de desprezo: — Lá eu não estava crescendo espiritualmente.

Chama-se Inácia da Silva, ou chamava-se, pois, mal chegou, partiu para a sofisticação pela mudança do nome, passou a assinar-se Kátia Mara de Oliveira e é deste jeito que consta no registro que fez no cartório, na carteira de identidade e nos outros documentos. A figura física chega a ser pitoresca — alta, magra, preta, de pele luzidia — é ver um daqueles moleques de Debret (moleque mesmo, do sexo masculino), com as calças longas desenhando-lhe as formas e uma peruca tipo pagem substituindo-lhe a carapinha. E uma animação, uma incansável alegria de viver,

bem cantante, bem falante, o riso permanente mostrando os dentes bons.

Um dia destes, o patrão, que voltara de viagem longa, estava a comentar para a família os aspectos e costumes pitorescos duma cidade africana, enquanto Kátia Mara ouvia também muito atenta. A dona da casa lembrou-lhe os trabalhos atrasados e a encaminhou delicadamente para a cozinha. Ao que ela respondeu com bastante calma: — Espere um pouco, que eu preciso ouvir estas paisagens.

Pelo Natal não entrou na faixa dos festejos, não se comoveu, não cuidou de comprar presente para o bem-amado, não se mostrou curiosa por saber se iria receber dos patrões alguma prenda, algum suplemento financeiro. Interrogada, explicou a sua indiferença: — Eu não gosto de Natal, porque meu pai nunca teve psicologia para me explicar o que é o Natal.

Recentemente conversava na porta do edifício com uma colega, que é por sinal também uma das numerosas nordestinas que fazem o sul — e a própria patroa surpreendeu, de passagem, um diálogo singular. A amiga, com a sem-cerimônia com que elas costumam fazer as indagações mais indiscretas, perguntou se Kátia era moça. Kátia Mara não se embaraçou, respondeu com tranqüila habilidade: — Quer dizer, né? Lá no Ipu andei fazendo umas brincadeiras. Mas aqui eu sou moça.

Bendita geografia!

Claro que com a mesma rapidez com que aprendeu a ler, ou mais depressa ainda, arranjou namorado — e como era de esperar, para não fugir à tradição, caiu de amores pelo português do primeiro empório que passou a freqüentar. E andava tão embalada com o sotaque luso, com a beleza do homem que ela identificou como um artista de novela de sua particular admiração que, não fora

ter visto o seu herói de braços com outra, em arrulhos de amor que não deixavam dúvida, não teria desistido.

Então mudou de venda, passou a fazer as compras no bar da esquina e mais rápida do que a ema selvagem do seu país ipuense, caiu de amores por um cearense de Canindé, um moço de bastante lábia, que está tirando seu bom proveito comercial. Me explico: ela dá o mínimo de tempo na cozinha e em todas as horas livres se instala no bar, dá uma mãozinha, já ajuda no caixa, é quem vai receber as contas e quem vai pôr dinheiro no banco para o Ribamar, que ela chama Riba. E obedece ao Riba tão cegamente, que é capaz de se lançar do 5º andar, onde trabalha, se ele pedir o sacrifício.

Agora entrou na aventura de enfrentar o exame supletivo, na esperança de tirar o curso de ginásio numa vez. Foi um sonho bastante ambicioso, para quem mal completou o primário. Na verdade, o que empolgava Kátia Mara não era a aprovação, era a sarandaiada, o prazer de sair com livros debaixo do braço e encontrar a legião de candidatos, era a espera do exame sentada na calçada e aí, como dizia ela, “estudar em grupo”.

Felizmente não tem muita consciência das suas limitações e cada vez que teve notícia, pelos jornais, do fracasso num teste, o atribuiu à pouca sorte, — bem que ela sabia. Na prova de História fez chegar Dom João VI ao Brasil antes de Pedro Álvares Cabral e proclamou a República antes da Independência. Na de Geografia, a baldeação foi maior, situou Atenas na Polônia, fez de Beirute capital da Bélgica e jogou a Escandinávia para junto dos Estados Unidos. Entre uma e outra atividade culinária, Kátia Mara fazia preces em forma de jaculatória e a patroa ouviu-lhe uma súplica bastante expressiva: — Ah meu Deus, fazei que Andorra seja a capital da Pérsia.

Intrigada com o pedido insólito, a patroa lhe pediu explicação do estranho interesse. Kátia Mara informou

que estava preocupada, porque foi assim que escreveu na sua prova de Geografia.

Quando veio o resultado no jornal, com o fracasso absoluto, pensam que Kátia Mara se deu por achada? Resolveu com o maior otimismo: — Bem, da próxima vez eu faço logo para o segundo ciclo.

E saiu muito feliz a encontrar o Riba.